

**OS ARARA (KARO TAP): MODOS DE SER E PROCESSOS DE
RESSIGNIFICAÇÃO EM MEIO À COLONIZAÇÃO AMAZÔNICA**

**THE ARARA (KARO TAP): MODES OF BEING AND RESIGNIFICATION
PROCESSES UNDER AMAZON COLONIZATION**

**LOS ARARA (KARO TAP): FORMAS DE SER Y PROCESOS DE
RENESTIFICACIÓN ENTRE LA COLONIZACIÓN AMAZONICA**

ALVES, Maria Isabel Alonso
profamariaisabel@ufam.edu.br
UFAM- Universidade Federal do Amazonas
<http://orcid.org/0000-0002-2960-1200>

ARARA, Marli Peme
marliarara17@gmail.com
SEDUC/RO - Secretaria Estadual de Educação de Rondônia
<http://orcid.org/0000-0002-6001-0708>

MEDEIROS, Heitor Queirós de
heitor.medeiros@ucdb.br
UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
<http://orcid.org/0000-0001-5313-1811>

RESUMO: Este artigo intenciona mostrar o processo de colonização amazônica e as múltiplas tensões estabelecidas entre as populações indígenas e as diversas frentes de ocupação. Destaca-se a utilização de estudos bibliográficos que representam a possibilidade de verificar a história regional, bem como a história dos povos indígenas presentes na Amazônia brasileira, além de entrevistas narrativas. As narrativas das professoras indígenas contam a forma como se sentiram/sentem em relação à colonização e retratam o processo colonizador que afetou os povos indígenas na América Latina. Evidenciar o processo colonizador exposto pelas professoras foi uma forma de ouvir suas versões sobre a história, muitas vezes, não consideradas pela visão ocidental/“oficial” dos fatos; dar visibilidade aos que não são vistos pela colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização. História. Memórias. Povo Arara.

ABSTRACT: This article intends to show the process of Amazon colonization and the multiple tensions established between the indigenous populations and the various occupation fronts. In the construction of this approach, we highlight the use

of bibliographic studies that represent the possibility of verifying the regional history, as well as the history of the indigenous peoples present in the Brazilian Amazon, besides narrative interviews. The teachers' narratives tell how they felt / feel about colonization and portray the colonizing process that affected indigenous peoples in Latin America. Showing the colonization process narrated by indigenous teachers was a way of listening to their versions of history, often not considered by the western / "official" view of the facts, giving visibility to those who are often made invisible by coloniality.

KEYWORDS: Colonization. History. Memoirs. Arara people.

RESUMEN: Este artículo pretende mostrar el proceso de colonización amazónica y las múltiples tensiones establecidas entre las poblaciones indígenas y los diferentes frentes de ocupación. En la construcción de este enfoque, destaca-se el uso de estudios bibliográficos que representan la posibilidad de verificar la historia regional, así como la historia de los pueblos indígenas presentes en la Amazonía brasileña, además de entrevistas narrativas. Las narraciones de los maestros cuentan cómo se sintieron / sienten sobre la colonización y retratan el proceso de colonización que afectó a los pueblos indígenas en América Latina. Mostrar el proceso de colonización narrado por maestros indígenas fue una forma de escuchar sus versiones de la historia, a menudo no consideradas por la visión occidental / "oficial" de los hechos, para dar visibilidad a aquellos que a menudo se vuelven invisibles por la colonialidad.

PALABRAS CLAVE: Colonización. Historia. Recuerdos Guacamayos.

1 INTRODUÇÃO

O termo escrever adotado neste artigo¹ tem a memória como recurso de narração. Entendemos que o ato da escrita é um fazer contínuo de reflexão, no qual nós produzimos ao mesmo tempo em que a escrita também nos forma, assim, "[...] escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida." (DELEUZE, 1997, p. 11). A escrita deste artigo tem sido uma

¹Fundamentado em Zanella (2012, p. 89) que afirma que "Toda pesquisa se objetiva em uma escrita que, tal como um poliedro, apresenta variadas faces: o percurso da investigação e seus resultados; a problemática que a provocou e as contribuições do pesquisador - em alguns casos potentes ao ponto de produzirem desvios nos eixos dessa problemática; o referencial teórico que modula o olhar do pesquisador para a realidade investigada e as tensões que essa realidade apresenta a esse referencial; as escolhas teórico-metodológicas e seus efeitos éticos-estéticos-políticos [...]"

experiência constituída como um ato formativo que entrelaça as histórias de vida das professoras Arara (*Karo Tap*²) ao processo de colonização amazônica.

Para discorrer sobre o contexto histórico de colonização amazônica, local onde está situado o povo indígena *Karo Tap*, buscamos as palavras de Costa (2007a), nas quais aparece a importância da narrativa enquanto produção histórica do sujeito, uma vez que, “[...] se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares” (COSTA, 2007a, p. 92).

Analogamente, Costa (2007a) entende a necessidade que os povos indígenas têm ao contarem suas histórias, suas lutas em meio ao processo de colonização ocidental e como foram se construindo individualmente, coletivamente e (re)significando suas identidades étnicas e culturais diante das metanarrativas postas sobre eles no discurso colonial. Também as palavras de M. Arara (dezembro de 2015) sinalizam que narrar as memórias vividas é uma forma de fortalecer a identidade étnica de seu povo quando afirma que “[...] a nossa história é muito importante, principalmente para mim, professora indígena.”

O artigo em questão apresenta possibilidades de entender a relação do processo de colonização Amazônica no Brasil com a história e a constituição do povo Arara (*Karo Tap*), especificamente fatos históricos que compõem possíveis deslocamentos (físicos e culturais) dessa etnia indígena.

Como estratégias de pesquisa, salientamos a utilização de estudos bibliográficos que representam a possibilidade de revivificar alguns argumentos disponíveis sobre a história regional que contemplam a história dos povos indígenas presentes na Amazônia legal brasileira, dentre os quais aparecem Becker (2005), Fonseca (2008); Neves (2009) e outros. Também destacamos a entrevista narrativa, segundo as abordagens metodológicas apontadas por Andrade (2012), onde a “[...] produção do sujeito se dá no âmbito da linguagem, na relação com as forças

²Apontamentos sobre a grafia/pronúncia feitos pela professora de língua materna, S. Arara, no dia 04 de abril de 2018, expõe que *Karo Tap* é a forma como se autoidentificam os Arara de Rondônia. Grafamos *Karo Tap* na língua *Ramaráma*, porém se pronuncia *Karo Rap*. Antes, porém de seguirmos com as abordagens que sistematizam esta pesquisa, devemos mencionar que ela foi realizada junto à etnia indígena Arara (*Karo Tap*), habitantes da terra indígena Igarapé Lourdes, RO.

discursivas que o nomeiam e governam, [...] no qual se produz e se nomeia o sujeito” (ANDRADE, 2012, p. 174).

A estratégia de entrevista que assumimos neste artigo, parte daquilo que vem sendo chamado de *entrevista narrativa ressignificada*. Andrade (2012), Costa (2007a e 2007b), Silveira (2007) e outros, em seus modos de fazer pesquisa, foram a nossa inspiração para seguir esse caminho metodológico. Usamos essa estratégia como uma possibilidade de ressignificar os modos de pesquisar com as professoras Arara (*Karo Tap*), tomando como base, na produção dos dados, as narrativas orais.

A pesquisa foi realizada com seis (6) professoras indígenas que atuam nas escolas das comunidades *I'terap* e Prainha, sendo: M. Arara, A. Arara, S. Arara, R. Arara, Mz. Arara e V. Arara. O povo Arara (*Karo Tap*) se organiza em quatro aldeias: *I'terap*, Prainha, *Paygap* e Cinco Irmãos. Ressaltamos que as professoras indígenas autorizaram a chamá-las pelos seus nomes originais, porém por questões éticas, elas são identificadas, aqui, pela inicial do nome seguida da etnia a qual pertencem, juntamente com os mês e ano da entrevista, justificando suas afirmações identitárias pessoais e étnicas.

2 SOBRE OS ARARA (*KARO TAP*) DE RONDÔNIA

As primeiras pesquisas com os Arara (*Karo Tap*) consistiram em entender e registrar a fonologia da língua *Karo* (GABAS JÚNIOR, 1989). O idioma *Karo*, até 1898, ainda não havia sido registrado, como assegura Gabas Júnior (1989, p. 8), sendo que os etnógrafos Nimuendaju, 1925; Rondon, 1948; Lévi-Strauss, 1950; Schultz, 1955 foram os primeiros a documentar o idioma *Karo* através de pequenas listas de palavras apenas (GABAS JÚNIOR, 1989).

Os estudos referentes a esse grupo étnico pelos pesquisadores (Nimuendaju, 1925, Rondon, 1948, Lévi-Strauss, 1950, e Schultz, 1955) citados por Gabas Júnior (1989), eram voltados a fatores sociais, econômicos, culturais, de localização dentre outros, do ponto de vista da modernidade. Em tais estudos, a língua *Karo* aparecia mais na forma oral, contudo o primeiro registro fonológico da



língua *Karo* foi no ano de 1989, realizado por Gabas Júnior (1989), linguista e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Vale ressaltar que tanto Gabas Júnior (1989), como os pesquisadores etnógrafos por ele mencionados, não são da região onde se localiza a etnia Arara (*Karo Tap*), mas de outras localidades do Brasil e até mesmo da Europa.

Ao verificar a situação sociolinguística da etnia Arara, Isidoro (2006) aponta a língua *Karo* como uma forma de interação social e de afirmação identitária dos Arara (*Karo Tap*), além de evidenciar algumas relações sociais e econômicas que influenciam na constituição linguística desse povo.

A pesquisa de Neves (2009) exhibe dados empíricos a respeito da cultura escrita, no contexto indígena, na terra Indígena Igarapé Lourdes, local onde residem os Arara (*Karo Tap*) e os Gavião-*Ikolen*. Tal pesquisa documenta e investiga o processo de aquisição da cultura escrita junto às etnias citadas. Santos (2015), uma antropóloga de São Paulo que fez um trabalho etnográfico junto aos Arara (*Karo Tap*), aborda as relações estabelecidas entre os Arara e os outros povos indígenas e não indígenas com quem essa etnia mantém relações, consideradas por Santos (2015), “estáveis” e/ou “instáveis”, além de buscar entender as transformações socioculturais que os Arara foram produzindo nos últimos anos. Santos (2015) traz em sua pesquisa os conceitos de “Xamanismo”, “Mitologia” e “Parentesco”, além do processo de identificação Arara, em meio ao desenvolvimento de colonização e produção cultural ressignificada, tendo como foco de análise a “Festa do Jacaré”: uma manifestação cultural tradicional dos Arara (*Karo Tap*).

Essa pesquisa ajudou na compreensão das produções identitárias das mulheres Arara, pois expõe as relações de gênero a partir da tradicional Festa do Jacaré, uma vez que, depois do animal (o jacaré) ser considerado personagem principal do evento, aparece a figura da mulher “braba” escolhida para sacrificar o jacaré. Esta mulher tem as características femininas essenciais para compor o ritual sagrado. De certa forma, Santos (2015) traz, em sua pesquisa, as relações de gênero na comunidade *I'terap*, principalmente, a partir da manifestação cultural e da tradicional Festa do Jacaré.



Outro estudo sobre os Arara de Rondônia foi realizado por Santos (2014), que busca cartografar a localização dos povos e das terras indígenas de Rondônia por meio de representações mentais retratadas pelos indígenas matriculados na licenciatura em educação básica intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), propiciando a valorização dos conhecimentos produzidos por eles e as suas visões de mundo, relacionando a sociedade e a natureza. Nessa pesquisa também aparecem os Arara (*Karo Tap*), em seus processos de colonização e de organização social.

Scaramuzza (2015) discorre sobre a Terra Indígena Igarapé Lourdes e o processo de colonização sofrido pelos indígenas de Rondônia, especificamente os Gavião *Ikolén*, grupo indígena que divide a T.I. Igarapé Lourdes com os Arara (*Karo Tap*). O estudo em questão traz reflexões sobre a forma com que os professores Gavião pensam a escola, ajudando a entender os impactos que a colonização amazônica causou sobre as populações indígenas da região, bem como a ocupação (não pacífica) do território Arara (*Karo Tap*) pelos Gavião.

Alves (2017) analisa as produções das identidades das crianças indígenas Arara, da comunidade *Paygap*, em meio às relações que elas estabelecem com o movimento indígena. Nessa pesquisa, também aparecem as situações históricas da Amazônia ocidental brasileira, especificamente, do estado de Rondônia, onde se localiza o povo indígena Arara (*Karo Tap*).

Nas pesquisas aqui elencadas, aparecem a localização, o contexto histórico de colonização, bem como a relação do povo Arara (*Karo Tap*) com a língua materna, o idioma *Karo* da família *Rararáma*, de tronco tupi, os modos como organizam as etapas de vida a partir da infância, entre outros elementos fundamentais que evidenciam os Arara (*Karo Tap*), de Rondônia.

Os Arara de Rondônia se autodenominam como *Karo Tap* que significa “Nós Arara” (ISIDORO, 2006; NEVES, 2009; PAULA, 2008), por isso, nos referimos a esse grupo étnico da forma como se reconhecem, ou seja, Arara (*Karo Tap*). O reconhecimento do nome *Karo Tap* é narrado por Sebastião Kara'yã Péw Arara Gavião, ao ser entrevistado:

Somos um povo indígena, cada um de nós tem um nome diferente. Nossa autodenominação é 'Karo Rap' que significa Povo Arara. Fomos chamados



de Arara porque usamos muito urucum no corpo durante as festas. Os não indígenas nos achavam parecidos com a cor das penas de arara e assim passaram a nos chamar (NEVES, 2009, p. 2).

M. Arara (maio de 2015) que integra o grupo de etnias indígenas de Rondônia que resistiram aos ataques da colonização amazônica, define o povo Arara (*Karo Tap*) como pacífico e acolhedor. Os Arara moram na T.I. Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná, território demarcado na década de 1970, espaço que dividem com o povo Gavião. Eles pertencem ao tronco linguístico Tupi *Rararáma*, e, tradicionalmente, vivem da caça, da pesca, da roça, da coleta da castanha e da fabricação de artesanato.

Os professores e as professoras Arara (*Karo Tap*) também vivem do trabalho docente remunerado pela Secretaria Estadual de Educação de Rondônia (SEDUC/RO) e alguns indígenas exercem trabalho gratificado como técnicos de saúde indígena na aldeia. As formas de subsistência foram sendo ressignificadas mediante as relações com outras culturas. Atualmente, os Arara estão criando gado de corte, porcos, galinhas, ovelhas e outros, tanto para o consumo como também para o comércio. Além da criação de animais e do plantio das roças, as mulheres produzem e comercializam artesanatos.

A forma como M. Arara apresenta seu o povo também aparece na fala de R. Arara quando relata que

“Os Arara é um povo muito pacífico, eles aceitavam muito a aproximação com as pessoas brancas e de outras etnias, só que junto com as pessoas boas, vinham as pessoas ruins também, então a questão do território mesmo, a questão da divisa das terras da fazenda 3 Rios é um exemplo. Os Arara, por serem bons, foram perdendo território, sua localidade, seu espaço, isso por ser um povo muito bom, muito pacífico foi perdendo seu espaço, seu território para os não indígenas, mesmo para outros indígenas, outros grupos que é o caso dos Gavião” (R. ARARA, julho de 2017).

As narrativas também retratam o mito de origem Arara. Com base nas histórias ouvidas dos mais velhos, V. Arara, R. Arara e S. Arara contam que seu povo surgiu do arco-íris: *“O meu avô contava que a gente surgiu do arco-íris [...]” (V. ARARA, julho de 2017); “Surgimos do Arco-íris [...]” (S. ARARA, julho de 2017):*

“Os mais velhos contam que o povo Arara surgiu assim: a mulher que estava grávida queria comer Jatobá. E aí ela pediu para o marido buscar Jatobá e ele não foi, aí um dia ela decidiu ir lá na mata buscar o Jatobá. O pé de jatobá era muito alto e ela sentou e de repente saiu o arco-íris de dentro da barriga dela, pela vagina dela, e falou que ia buscar o Jatobá para ela e, então, o arco-íris subiu, foi na árvore, catou Jatobá e deu para ela comer, depois o arco-íris voltou e entrou na barriga dela pela vagina. Ela voltou para casa e falou para o marido

que ela não tinha menino na barriga, que era um arco-íris. E aí no outro dia ela foi de novo catar o Jatobá e o marido foi junto, ficou escondido para ver se era e como era esse arco-íris. A mulher pediu Jatobá e o arco-íris saiu de novo pela vagina e foi na copa do pé de Jatobá, pegou Jatobá e deu para ela, nisso o marido saiu de trás do mato e cortou o arco-íris da barriga dela, bem perto da vagina. O marido cortou o arco-íris em vários pedaços e eles foram embora. No outro dia quando ela voltou lá com o marido, os pedaços de arco-íris tinham virado pessoas, virado gente, e pediram penas e cocar de arara para se enfeitar. E aí a mulher distribuiu penas e cocar para alguns deles. Aqueles que tinham penas e cocar viraram povo Arara e os que não tinham penas nem cocar são os brancos, os não indígenas. Então essa é a história do surgimento do povo Arara, a origem do povo Arara” (R. ARARA, julho de 2017).

Buscamos apoio em Mindlin (2006), para dizer que os mitos indígenas variam de um povo indígena para outro, inclusive, um mesmo povo pode ter vários mitos. “Os mitos são muitos diferentes de um povo para o outro, mas alguns assuntos aparecem sempre, iguais ou transformados, e vamos aprendendo a reconhecê-los” (MINDLIN, 2006, p. 8). A autora define mito como “[...] narrativas sobre esse mistério de existir e viver, quase impossível de decifrar. Eles nos arrastam, encantam, e nos levam para algum domínio profundo, carregado de sentido” (MINDLIN, 2006, p. 7).

Sobre os diversos mitos Arara (*Karo Tap*), V. Arara conta que tem um livro³ organizado pela SEDUC que traz todas as histórias e mitos indígenas na Amazônia:

“Os alunos do AÇAÍ escreveram os mitos de seu povo e fizeram o livro contando a história e o mito de etnia dos alunos que estudavam lá. Eles se reuniram e contaram o mito de origem e a SEDUC em parceria com a UFMG publicou esse livro, são muito coerentes os mitos que estão escritos lá” (V. ARARA, julho de 2017).

Gabas Júnior e Sebastião Arara também organizaram um livro que relaciona dezessete (17) mitos Arara, são textos “[...] cheios de saliências, personagens, figuras, pinceladas, episódios que revelam tanto a sua origem oral, como muito dos átomos das estruturas mitológicas amazônicas, ameríndias” (GABAS JÚNIOR; ARARA, 2009, p. 3).

Historicamente, os indígenas serviram de mão de obra escrava nos seringais e quando se recusavam ao trabalho forçado eram expulsos de suas terras e

³O livro a que se refere V. Arara surgiu em função das atividades de formação em magistério no Projeto Açaí, projeto organizado e financiado pela SEDUC/RO e foi publicado pela editora da UFMG em 2009. Intitulado *Do açaí cada fruto uma história: narrativas dos povos indígenas de Rondônia e Noroeste do Mato Grosso, contou com a colaboração de Bethy Nindlin, Cristóvão Teixeira Abrantes e Maria Inês de Almeida em sua organização.*



obrigados a migrar para os territórios de outros grupos indígenas, o que causou conflitos e tensões entre alguns grupos étnicos amazônicos.

A esse respeito R. Arara descreve que:

“A história do povo a gente lembra, assim, da história que os meus pais e avós contam. A Igarapé Lourdes foi dividida entre os Arara e os Gavião devido ao processo de conflito do branco que invadiu a nossa terra, ocupando nossos espaços. Invadiram a terra dos Gavião primeiro e os Gavião vieram descendo e acabaram ocupando esse espaço aqui, que era só dos Arara. A ocupação do espaço Arara não foi de uma forma muito tranquila, teve um processo de luta, de resistência e tudo mais, tanto de resistência contra os brancos como também contra a chegada de outros povos indígenas, no caso os Gavião que dividem a T.I. Igarapé Lourdes conosco. Além das divisas de terra entre os Arara e Gavião, tem as fazendas que cercam nosso território. Não foi um processo muito fácil não” (R. ARARA, julho de 2017).

M. Arara também conta que *“Os Gavião vieram recuados do Mato Grosso, os brancos entraram na terra deles e não quiseram mais devolver, eles vieram para cá e lutaram com os Arara para ficar na terra dos Arara.” (M. ARARA, maio de 2015).*

Sobre a história de colonização do seu povo, A. Arara explica que não conhece muito a forma como se deu a aproximação do branco com o povo Arara:

“Na divisão do território indígena, o nosso território ia ser da Colina (hoje distrito de Nova Colina) toda até a fazenda 3 Rios. Ia ser nossa área, mas na demarcação da terra os Arara que acompanharam a divisão não souberam demarcar e a gente perdeu muita área do território Igarapé Lourdes, a gente não perdeu muito mais, porque lá para trás, nas fundiárias da T.I. Igarapé Lourdes houve outras invasões. Foram os índios da aldeia mesmo que fizeram a demarcação com os não indígenas e eles não souberam demarcar. Para chegar à aldeia tem a fazenda 3 Rios, mas agora ele não fecha as porteiras, ele sabe que é o único caminho que a gente tem para chegar em Ji-Paraná. A convivência com ele agora é tranquila, antes aconteceu um incidente, um peão dele matou um indígena lá, então a fazenda dele está na justiça, então... e ele não mexe muito com a gente não” (A. ARARA, maio de 2017).

As narrativas das professoras testemunham que, devido ao processo de colonização, as duas etnias disputaram os mesmos espaços territoriais, sendo que, atualmente, os povos Arara-Karo e Gavião-Ikolén dividem e habitam a mesma terra indígena (T.I.) Igarapé Lourdes. Ao descrever parte da história de ocupação do espaço Amazônico, apontamos que essas ocupações se deram em territórios anteriormente ocupados por grupos indígenas. A conquista territorial na Amazônia desencadeou um processo de “amansamento” indígena, pois embora essas populações pudessem se sentir livres, esta liberdade representava apenas uma certa formalidade convencional imposta pelos colonizadores.

Nessa perspectiva, “[...] todo o processo de ocupação da Amazônia tem representado uma usurpação dos territórios [...] indígenas, [...] era e é a estratégia geopolítica do confisco sumário pela força desses territórios [...]” (OLIVEIRA, 1990, p. 103).

De acordo com Teixeira e Fonseca (2001), a exploração dos territórios indígenas na região amazônica facilitou a ocupação por populações advindas das diversas regiões do Brasil, impulsionando o intenso fluxo migratório. Nesse sentido, as populações indígenas foram vítimas de grileiros, posseiros, garimpeiros e seringalistas, que com ameaças e agressões os afugentavam para outros locais, invadindo as suas terras. Com essa ocupação agravam-se os ataques e as chacinas contra as comunidades indígenas que já eram pequenas.

Independente da época, o fato é que o contato provocou a quase dizimação das etnias aqui existentes, pois além dos conflitos pela posse das terras, houve a propagação de doenças entre essas populações.

“Na época quando eles (os mais velhos indígenas) tiveram contato com os brancos, eles sofreram muito, foi o tempo que chegaram as doenças e eles não eram acostumados. Para eles aquilo era uma coisa nova. Para curar as doenças era só o pajé, nesse tempo adoeciam dois, três de uma vez só, assim eles foram morrendo.” (M. Arara, dezembro de 2015).

Os Arara (*Karo Tap*) são integrantes de um povo falante do idioma *Karo*, que prezam pela manutenção da língua materna. É provável que o idioma *Karo* seja o único idioma da família linguística *Ramaráma* de tronco Tupi no Brasil, assim, podemos afirmar que “[...] o *Karo* e o *Itogapúk* são os únicos membros sobreviventes, uma vez que os *Urumi* e o *Ramaráma* já desapareceram.” (GABAS JÚNIOR, 1989, p. 8).

Para Gabas Júnior (1989), a comunicação entre os Arara (*Karo Tap*) no contexto da etnia (em reuniões do grupo, conversas entre os pares Arara e em outros momentos) é feita exclusivamente na língua *Karo*, ficando a língua portuguesa para a comunicação fora do contexto Arara ou em conversas com não indígenas. Algumas situações como essas são verificadas em trabalhos como os desenvolvidos por Alves (2017) que afirma que o uso da língua *Karo* é intenso nos processos cotidianos de comunicação.

A área total da T.I. Igarapé Lourdes tem aproximadamente 190.000 hm² de extensão, sendo que cerca de um terço dessa área pertence aos Arara (*Karo Tap*). A respeito da localização das terras indígenas relacionadas aos Arara (*Karo Tap*), na década de 1980, podemos dizer que

Os Arara vivem, juntamente com os Gavião e alguns Zoró, na área indígena Igarapé Lourdes, na região centro-leste de Rondônia. A área compreende três aldeias distintas: a do Lourdes, onde vivem apenas índios Gavião, a de Nova Colina (ou *Ikolén*), onde vivem Gavião, Zoró e apenas um Arara; e a aldeia da Triangulina (ou *I'terap*), onde vivem os Arara. (GABAS JÚNIOR, 1989, p. 8).

Gabas Júnior (1989) denomina de aldeia Triangulina, a atual aldeia *I'terap*, local onde residem parte dos Arara (*Karo Tap*). Vale ressaltar que Triangulina foi uma rede de supermercados que existiu em Ji-Paraná e demais municípios de Rondônia na década de 1980. Seus donos possuíam, além do comércio, grandes áreas de terras (fazendas) nas redondezas de Ji-Paraná, portanto, como descreve Gabas Júnior (1989), essas fazendas faziam divisas com a aldeia *I'terap* que, inclusive, ficou conhecida como aldeia da Triangulina.

A aldeia da Triangulina é formada por duas sub-aldeias distintas: a do 'centro' – denominação do chefe do posto e dos próprios índios – localizada mais ao centro da área, de onde os Arara extraem os principais produtos (borracha, caucho e castanha) que comercializam na cidade de Ji-Paraná; e a aldeia do "posto" localizada o sul da área, próximo à desembocadura do Igarapé Prainha no rio Machado (ou rio Ji-Paraná), onde se localiza o posto da aldeia (GABAS JÚNIOR, 1989, p. 9).

A descrição do espaço onde se localizam as aldeias do povo Arara (*Karo Tap*), realizada no ano de 1989, leva à compreensão de que, possivelmente, o que o autor chama de "Triangulina" pode ser uma das fazendas pertencentes ao dono da rede de supermercados na época, podendo ser considerada hoje, a mesma fazenda 3 Rios que contorna parte das T.I. Igarapé Lourdes.

M. Arara e A. Arara relataram que as porteiras ficavam trancadas com cadeados e para ter acesso à terra indígena era preciso se deslocar a pé até a sede da fazenda, tanto para retirar as chaves como para devolvê-las para o capataz, o que causava transtornos aos indígenas e às demais pessoas que transitavam na região.

M. Arara conta que esses transtornos ocorreram por muito tempo e que devido à insatisfação de um indígena Arara com tal situação, o capataz da fazenda

acabou por assassiná-lo, revoltando a comunidade. A partir desse fato, as porteiras passaram a ficar escancaradas ou apenas encostadas, sem a necessidade de chaves para abri-las.

A respeito da localização do povo Arara, M. Arara (maio de 2015), declara que somam nove aldeias distribuídas em torno da aldeia *l'terap*:

“Hoje nós temos aqui um total de nove aldeias Araras. Aqui onde estamos é a aldeia l'terap1, no alicate é a aldeia l'terap 2, tem a aldeia do Chapinha que é a Prainha, tem aldeia do Pelado, aldeia Cafezinho, a aldeia Patusal, aldeia Cachoeirinha, aldeia Postinho e a aldeia Galhada. A única aldeia que tem uma escolinha é a Prainha, de todas as outras, as crianças vêm estudar aqui na l'terap 1”.

Cabe ressaltar que M. Arara chama de *l'terap 1* - a aldeia *l'terap/central* - local onde a pesquisa foi efetuada. As aldeias são organizadas por núcleos familiares, cujos nomes lembram o chefe da família ou um ponto de referência conhecido por todos.

A respeito das implicações da colonização ocidental no contexto do povo Arara (*Karo Tap*), M. Arara relata que foi um processo de muito sofrimento:

“Os não indígenas mataram nossos parentes e os que sobraram contam essa história de sobrevivência, os velhos contam que sofreram muito, andaram muito. Até na minha época mesmo, nós vivíamos andando, não era como hoje. Nós moramos muito tempo no seringa, nossos pais cortavam seringa depois de muito tempo é que nós viemos para cá” (M. ARARA, maio de 2015).

Segundo M. Arara, no processo de colonização ocidental na Amazônia brasileira, as mulheres Arara (*Karo Tap*) sofriam nos/com os conflitos. Os homens iam para as frentes de batalha em defesa das terras e das vidas Arara (*Karo Tap*) e as mulheres que ficavam nas aldeias eram violentadas pelos não indígenas. Muitas crianças, na época dos conflitos por terras, ficaram órfãs ou foram deixadas para trás nas fugas, sendo que muitas delas acabaram sendo “adotadas”/criadas pelos não indígenas seringueiros da região:

“Às vezes, a pessoa adoecia e eles (os parentes) largavam para trás, se escapar, escapou, então era assim, ninguém ficava parado em um canto. É por isso que esses meninos que eram criados com o branco foram largados, não é que os parentes não gostavam, mas estavam eles correndo perigo e largavam as crianças. [...] Aprendi muito com a minha mãe, todo tempo fui curiosa, eu perguntava: Como que era isso? Porque matavam crianças que nasciam deficientes? Ela me respondia que antigamente eles estavam sempre fugindo e, às vezes, largavam às crianças que estavam doentes. De repente vinha um invasor que os atacava e eles tinham que fugir. De todo jeito as crianças iam morrer e quando a mãe morria, eles (os parentes indígenas) matavam as crianças porque não tinham como cuidar. Algumas crianças que escaparam foram adotadas por alguns seringueiros.” (M. ARARA, maio de 2015).



Os relatos, aqui apresentados, contam um pouco das angústias sofridas pelas mulheres e pela liderança indígena quando suas terras foram tomadas, ao mesmo tempo em que busca compreender a história do seu povo em meio ao processo de colonização da Amazônia.

Esses fatos descritos possibilitam o entendimento de que as lutas pelas terras foi um dos movimentos marcantes à constituição identitária do povo Arara (*Karo Tap*). As narrações de M. Arara e das outras professoras Arara levam à percepção de que o território Arara é muito mais que apenas terras, onde retiram alimentos ou recursos para subsistência, mas também um local de cultura, de afirmação identitária e de constituição do próprio povo Arara.

Essas pesquisas sobre os Arara (*Karo Tap*) de Rondônia, bem como as narrativas das professoras trouxeram elementos importantes constitutivos da história do povo Arara (*Karo Tap*). De modo geral, aparecem informações significativas a respeito do grupo pesquisado, que ajudam a conhecer melhor a história do povo em questão, possibilitando novos olhares, novas interpretações e conhecimento da constituição identitária do povo Arara (*Karo Tap*) em meio ao processo da colonização ocidental da Amazônia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, destacamos o processo histórico de colonização da região e seus entrelaçamentos e a história de vida das professoras Arara (*Karo Tap*). Tais descrições intencionaram sinalizar as complexas relações sociais estabelecidas na Amazônia que colocaram em contato os povos com interesses e histórias distintas. Assim, apresentamos, de forma breve, a natureza política da ocupação territorial. A maneira como o estado brasileiro pensou a Amazônia afetou a vida das pessoas, tanto as originárias da Amazônia, como daquelas que decidiram migrar para esse espaço.

As narrativas das professoras contam o modo como se sentiram/sentem diante dessa questão. À medida que os colonizadores foram expulsando outros povos indígenas de suas terras, provocaram a ocupação, de forma não pacífica, do



território Arara pelos Gavião, com quem os Arara (*Karo Tap*) mantêm as relações estremecidas até os dias de hoje. É importante ressaltar que mesmo vivenciando os tensionamentos étnicos e a disputa por territórios provocados pelo processo de colonização, os Arara e os Gavião se unem em lutas de interesses comuns dos povos indígenas, como causas sociais, culturais e políticas e contra ações governamentais que venham a ferir, de alguma forma, os direitos indígenas. Podemos citar a participação dos dois grupos étnicos na criação do Núcleo de Educação Escolar Indígena de Rondônia (NEIRO) e a Organização dos professores Indígenas de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso (OPIRON). Esses dois grupos étnicos também são integrantes do Núcleo de Educação Indígena (NEI), onde coletivamente, lutaram em prol da criação do curso de licenciatura básica intercultural para os povos indígenas de Rondônia e noroeste do Mato Grosso, entre outros movimentos (ALVES, 2014).

A ocupação das terras pelos colonizadores e a invasão de divisas são percebidas, inclusive no acesso à aldeia *l'terap* que é por meio da fazenda 3 Rios. Evidenciar o processo colonizatório, narrado pelas professoras indígenas, foi uma forma de ouvir suas versões sobre a história, muitas vezes, não consideradas pela visão ocidental/"oficial" dos fatos, dar visibilidade aos que não são vistos pela colonialidade. Este artigo possibilita conhecer a história do povo Arara (*Karo Tap*) contada por quem vivenciou/sentiu na própria pele, mesmo que pela memória dos pais e avós, a violência pela qual foram tomados. Essa abordagem foi uma maneira de reconhecer e valorizar a narrativa dos esquecidos e/ou silenciados pela colonialidade.

Cabe lembrar que os colonizadores adentraram às terras indígenas buscando um contato, uma aproximação com os indígenas, pois estes possuíam vivências tradicionais sobre a mata, o que motivou os colonizadores a ensinarem o manejo da extração da seringa e outros conhecimentos ocidentais a esses povos. Entretanto, não há como fazer uma afirmativa a respeito dessas inferências, para tanto, é necessário que haja outras pesquisas que traduzam como ocorreram essas conexões. Essas relações de poder, tensões e equilíbrios com as populações indígenas em determinados momentos, em função de interesses econômicos,



dentro das terras indígenas, devem ser pensados, inclusive atualmente, como um componente histórico da produção do colonialismo.

MARIA ISABEL ALONSO ALVES

Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Amazonas, no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA/UFAM. Membro do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades - PPGECH.

MARLI PEME ARARA

É professora na Aldeia *I'terap* na Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná - RO. Licenciada em Educação Básica Intercultural. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Escolar Indígena. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa na Amazônia - (GPEA).

HEITOR QUEIRÓS DE MEDEIROS

Doutor em Ciências - Ecologia e Recursos Naturais, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado), atua na Linha de Pesquisa 'Diversidade Cultural e Educação Indígena'.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. I. A. *Identidades indígenas: um olhar para o curso de licenciatura em educação básica intercultural de Rondônia*. 2014.123f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

ALVES, R. A. *Ya Ka na ãra Wanã, movimento indígena e a produção das identidades das crianças Arara-Karo (Pay Gap/RO)*.2017. 234f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2017.

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. *In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.p. 173-194

BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, n. 53, p. 71-86, abr.2005.

COSTA, M. V. Pesquisa: ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. *In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos II: outros modelos de fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007a. p. 91-115.

COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores *In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos II: outros modelos de fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007b.p. 143-156

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de P. P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FONSECA, D. R. *Rondônia, sua história e sua gente*. Curitiba: Base, 2008.

GABAS JÚNIOR, N. *Estudo fonológico da língua Karo (Arara de Rondônia)*. 1989. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1989.

GABAS JÚNIOR, N.; ARARA, S. K. P. *Mitos Arara*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009.

ISIDORO, E. A. *Situação sociolinguística do povo arara: uma história de luta e resistência*. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

MINDLIN, B. *Mitos indígenas*. São Paulo: Ática, 2006.

MINDIN, B.; ABRANTES, C. T.; ALMEIDA, M. I. (Orgs). *Do açaí cada fruto uma história: narrativas de povos indígenas de Rondônia e noroeste do Mato Grosso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG: Cipó Voador, 2009.

NEVES, J. G. *Cultura escrita em contextos indígenas*. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

OLIVEIRA, A. U. *Amazônia: monopólio, expropriação e conflito*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

PAULA, J. M. *Karo e Ikólóéhj: escola e seus modos de vida*. 2008. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

SANTOS, A. M. *Cartografias dos povos e das terras indígenas em Rondônia*. 2014. 314f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SANTOS, J. O. *Mulheres brabas, parentes inconstantes e a vida entre outros: a Festa do Jacaré entre os Arara de Rondônia*. 2015. 338 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SCARAMUZZA, G. F. *“Pesquisando com Zacarias Kapiaar”*: concepções de professores/a indígenas Ikolen (Gavião) de Rondônia sobre a escola. Campo Grande, 2015. 230 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2015.

SILVEIRA, R. M. H. Entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. *Caminhas investigativas II: outros modos de pesquisar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.p. 119-141.



TEIXEIRA, M. A. D; FONSECA, D. R. *História Regional: Rondônia*. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

ZANELLA, A. V. Escrever. In: FONSECA, T. M.G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 87-90.

Recebido em: 09/02/2020

Aprovado em: 26/05/2020